

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Liene Cunha Viana Bittar

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Liene Cunha Viana Bittar é professora pesquisadora na Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino, em Franca/SP, e participa de eventos promovidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). A professora tem artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 29 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 54 minutos e 53 segundos

Número de vídeos: um

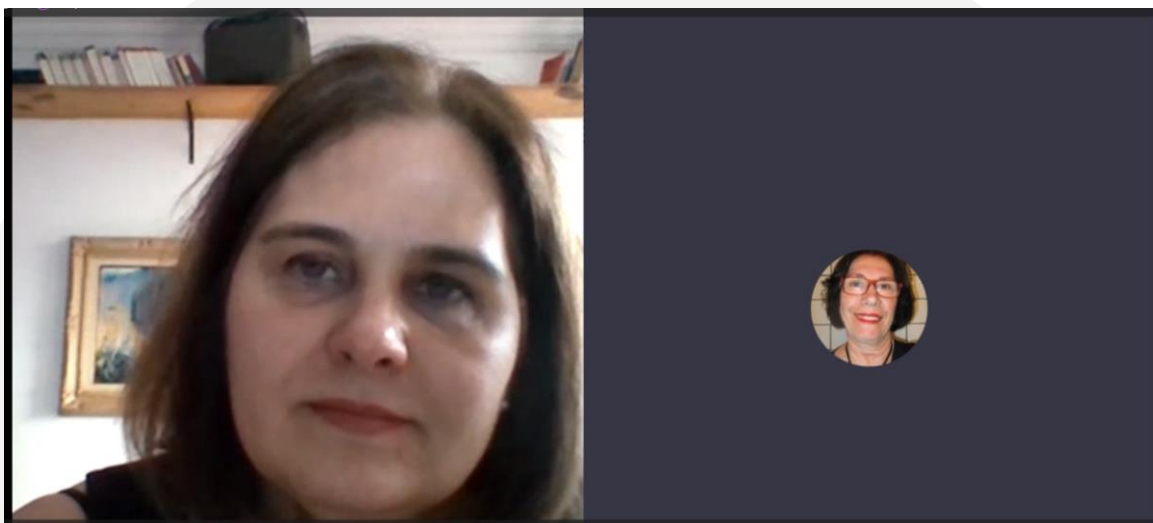
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com

a participação de curadores ou professores-pesquisadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 29/09/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 14 a 18 de março de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 31 de março de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professora Liene Cunha Bittar. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para o nosso Programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, projeto esse que é coordenado por nós, do Grupo de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, e que está no nosso site de memórias em percurso histórico. Nesse momento de pandemia, eu contatei os professores do nosso grupo, estou contatando, para que a gente possa realizar essas entrevistas de história oral de vida. Então, eu gostaria

muito que você deixasse registrado hoje, que é dia 29 de setembro de 2020, essa entrevista para o nosso Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, contando sobre a sua história de vida. Onde você nasceu? Onde estudou? Qual foi o seu percurso? Como é que foi o seu percurso também para ingressar na Fatec Dr. Thomaz Novelino, em Franca. Você começou a atuar com maior frequência no nosso grupo em 2018, e como tem sido esse trabalho de busca de constituição do Centro de Memória na sua instituição?

Liene Cunha Viana Bittar (LCVB): Boa tarde, Maria Lucia, obrigada pelo convite. É um prazer participar do grupo e é um prazer conceder essa entrevista. Uma atividade que eu tenho feito bastante na vida ultimamente que é participar do grupo de memórias, e gosto demais disso, gosto muito. Então, sempre que eu penso, estou fazendo muitas coisas, eu preciso eliminar alguma coisa, o grupo de memórias eu sempre coloco de lado, falo: - isso eu não posso tirar, porque é um grande prazer trabalhar com a História, a Memória da Educação, e especificamente da Educação Profissional, que sempre foi algo muito distante da minha vida, mas hoje faz parte totalmente da minha história já também. Eu nasci em Lins, mas eu morei no estado de São Paulo inteiro, em todos os cantos do estado, porque meu pai era engenheiro da CESP, então ele construía barragem, e acabava, a gente mudava, então era nômade. E quando eu acabei o colégio, eu fui fazer, eu nunca tinha pensado em ser professora, eu sempre amei literatura, amei história, amei geografia, mas eu nunca tinha pensado em ser professora. Então, eu fui fazer jornalismo, quando eu acabei o colegial, lá na UNESP de Bauru. Fiz dois anos, e achei que não era aquilo que eu queria para a minha vida. Fiquei um tanto decepcionada, porque eu era muito idealista, e eu comecei a perceber que aquilo era uma profissão como qualquer outra, que eu não ia mudar o mundo sendo jornalista. Na verdade, hoje, eu acho que foi até um exagero meu, mas foi uma decepção, e eu resolvi ser professora, como a minha mãe, que era professora de português e inglês, e fui fazer a faculdade que ela fez, que foi a UNESP de Araraquara. Então, muitos anos depois, eu voltei para a faculdade dela. Eu prestei vestibular de novo, e fui fazer Letras, até porque eu estava em dúvida, então, eu larguei a faculdade, eu prestei primeiro, aí, quando eu entrei, eu fui lá e cancelei minha matrícula em jornalismo. E, na faculdade, eu fui fazer também as línguas que a minha mãe fez, que foram inglês e alemão, e assim, mais ou menos, seguindo o rastro dela. Mas eu...

MLMC: Que ano foi isso, Liene?

LCVB: A primeira vez que eu entrei no vestibular foi em 88. Aí, eu entrei em Letras em 90. Nossa, faz tempo! Faz bastante tempo. Mas foi muito legal quando eu entrei, porque essa história de professor, muitos dos meus professores foram colegas da minha mãe ou foram professores dela ainda. Então, eu lembro, quando eu fui fazer a matrícula, minha mãe me levou, e aí, ela foi para as salas dos professores enquanto eu fazia a matrícula. Daí, já voltou com um monte de gente para me conhecer. Foi muito gostoso, assim, sabe? Foi... Era como estar em casa, né? No final, eu acabei ficando 13 anos lá na UNESP de Araraquara, porque eu acabei a graduação, já fui fazer o mestrado, depois o doutorado, e eu fiquei... Era a minha casa mesmo. Quando eu acabei o doutorado e não tinha concurso para mim lá, eu chorei muito, porque eu me senti uma filha rejeitada. Eu falei, nossa, eu fiquei uma parte enorme da minha vida aqui, agora eu vou embora. Como que eu vou embora, né? Eu não sabia o que fazer, porque desde que eu resolvi fazer Letras, eu nunca pensei em ser professora. Eu queria fazer pesquisa. Eu sempre gostei de literatura e queria fazer pesquisa. Entrei na faculdade para isso. E eu achava que eu não ia me dar muito bem dando aula, não. Mas, quando eu acabei a faculdade, eu vi que o mundo é diferente. Na verdade, eu comecei a trabalhar um pouquinho, eu dei aula um ano antes de entrar no mestrado, porque eles colocaram uma regra lá que a gente tinha que ter um ano depois de formado para poder entrar no mestrado. E aí eu acabei dando um ano de aula para criança. Foi o único ano que eu dei um estado para criança.

MLMC: Mas era em Araraquara mesmo?

LCVB: Não. Aí eu fui dar aula em Ibitinga, que é a cidade onde minha mãe estava morando, porque foi onde eu tive facilidade de conseguir pegar aulas. Daí eu consegui pegar bastante aulas, assim foi bem tranquilo. A Araraquara até tentei, mas eu não consegui. Ela tinha mais concorrência, era diferente. E aí eu acabei indo para lá, mas o ano todo eu fiz o mestrado já como especial. Então, eu ficava uma parte da semana em Araraquara, uma parte da semana em Ibitinga para dar aula, porque eu não tinha bolsa ainda, não tinha entrado oficialmente. Mas, durante a graduação eu já fazia iniciação científica, então eu já tinha meu orientador, meu projeto. No fim da graduação estava tudo prontinho. Eu só não pude oficializar a entrada por causa dessa regra que eles instituíram. Foi naquele ano, inclusive, e tinha mais dois colegas que queriam prestar. Um deles é até professor da Federal de São Carlos agora. E a gente não pôde entrar. Nós três ficamos, ah, que droga! Porque nós três com tudo prontinho para entrar já. Foi muito... E eu tinha, assim, eu me acostumei muito a estudar. Então, era minha profissão. Tenho uma curiosidade, assim que eu entrei no mestrado, eu me casei com um colega meu do mestrado e nós fomos morar numa casa em Araraquara que o pai dele

comprou para a gente. E hoje, meu filho mora lá nessa casa com a namorada e quando eu vou lá eu fico maluca. Por quê? Até eu fui faz menos de um mês e eu falei filho: - mas aquele quarto menor é o quarto do escritório, porque ele estava reclamando que está ruim para estudar, não tem espaço bom para ele estudar. Eu falei: - filho, mas o quarto é para você fazer seu escritório, onde ele fez um roupeiro no quarto. E eu falei: - coloca seu computador aqui, que era aqui que ficava o meu, a minha mesa. Aí ele fala: - mãe, aqui não é mais a sua casa. Eu esqueço, porque foram anos tendo como profissão estudar, eu tinha bolsa, tanto de mestrado quanto de doutorado, então eu fiquei estudando bastante tempo, todo dia acordava, trocava de roupa e se sentava para estudar, isso que eu falo com os alunos.

MLMC: Que ano você casou?

LCVB: Deixa eu pensar: - é que eu confundo 2000 com 90, Maria Lucia, uma coisa de idade. 93 foi 94. 94, tá. Faz bastante tempo, meu filho já é bem moço, ele nasceu em 98. Então eu vou lá e eu me vejo estudando, é uma casa pequena num condomínio, assim, num bairro, e eu tenho muita saudade daquela época. Fiz muitos amigos no mestrado, a gente viajava junto demais, eu ia para congresso todo mês, foi um tempo muito produtivo. E eu não tinha noção do que seria ser professora nessa época, porque agora, inclusive no mestrado, eu não sei, eu sei que no doutorado tem que ter uma experiência docente, uma parte, mas naquele momento não existia isso. Acabei o doutorado em 2003, faz muito tempo. Então, assim, eu era pesquisadora. Quando eu entrei no doutorado, eu comecei a dar umas aulas também, paralelamente, e comecei em faculdade particular, foi meu primeiro contato com um tipo totalmente diferente de aluno do tipo que eu era, e dos meus colegas, das pessoas que eu conhecia, foi bem chocante, um choque de realidade mesmo. A universidade tem uma diferença muito grande em relação a faculdades particulares. Eu tive uma dificuldade de adaptação inicial, já comecei achando um ambiente muito diferente daquele no qual eu estudei. Mas, com o tempo, a gente vai se acostumando. E dei aula de muitas disciplinas, inclusive literatura, que é minha área de formação. Eu comecei dando aula e parei no curso de Letras, porque eu me sentia muito frustrada, porque aquilo que eu estudei eu não conseguia. Os alunos, sabe, eu precisava simplificar bastante as coisas, e eu achei muito ruim. Aí eu comecei a dar aula de metodologia científica, de comunicação e expressão para cursos como engenharia, biomedicina, cursos variados, e eu gostei muito mais. Eu achei muito mais interessante, eu achei que eu produzia muito mais lá do que tentando ensinar literatura para os alunos de Letras da universidade particular. E eu acabei mexendo mais ou menos nessa área, tanto que até hoje são as minhas principais disciplinas, e comunicação empresarial, que é a menina dos meus olhos hoje, é o que eu adoro dar aula. Então, eu dando

aula em faculdade particular, entrei em colégio também, cursinho, comecei a dar aula de redação, e eu acabei ficando assim, virei professora, uma coisa que eu não imaginava que aconteceria. Virei professora ainda até de cursinho, de salas com 120 alunos, eu achava que eu nunca ia fazer isso, não. Porque é uma... ser professor é um... é muito diferente da gente saber a matéria. É mais ou menos a gente virar, assim, um MC, né? O mestre de cerimônias. E eu sou supertímida, achei que eu nunca fosse conseguir fazer isso. Mas no final...

MLMC: Mas você sabe que até hoje, quando eu vou dar aula, que eu entro num clube de memória, assim, eu me preparo um dia antes, eu não sei se as pessoas percebem isso, mas eu me preparo, eu releio o texto, eu fico imaginando o que nós vamos falar. Ser professor não é fácil. (risos)

LCVB: Não, não mesmo. Eu sempre comento isso, porque em alguns dias nós não estamos, assim, super bem, né? E na sala de aula tem que ficar super bem, então não dá para você: - Ah, eu estou muito triste, eu estou com dor, estou preocupada. Isso tudo não pode existir na sala de aula. A gente tem que virar mesmo o mestre de cerimônias e levar tudo, levantar a sala. E eu continuo sendo muito tímida. Então, olha, é muito engraçado você falar isso entre pessoas que estão juntas há bastante tempo já. Que participam lá do grupo. Na verdade, eu comecei no grupo em 2013. É que eu ia, assim, mais às reuniões, fazia meus trabalhos, eu não me metia muito. Mas a gente ainda fica preocupado muitas vezes, e tem essa questão, acho que a responsabilidade é isso que você falou.

MLMC: Eu acho que é a questão da responsabilidade, porque mesmo no nosso grupo sempre tem novatos. E os novatos, às vezes, eu percebo isso durante a oficina, eles falam esse grupo aí está formado. Porque a gente acaba discutindo referenciais teóricos, conceitos que nós já assimilamos bem. E para um novato ele se sente um peixe fora d'água.

LCVB: É verdade.

MLMC: Você fica assim, o que eu faço? Por onde que eu vou? Porque também eu não posso me dedicar só àquele grupo novato e deixar o grupo, porque na verdade a oficina é um espaço de reunião, é o único espaço que a gente tem de reunião presencial de professores que vêm de longe para desenvolver o nosso trabalho, no dia a dia nas nossas instituições. Então é uma responsabilidade, que é o que você falou, a gente é meio mestre de cerimônia o tempo todo tendo que coordenar ali o evento.

LCVB: Exatamente, você tem essa dupla responsabilidade, de não deixar o pessoal antigo desanimar e enturmar o pessoal que entra. Colocar a par do que nós estamos estudando, é bem diferente mesmo. Então, aí dando aula em colégio, em várias faculdades particulares, corrigi, fui de banca de redação da PUC lá de São Paulo por uns anos também, era um serviço que eu gostava muito de fazer, parei quando eu tive meu último filho, em 2007, que ele nasceu em outubro, eu não conseguiria ir lá fazer correção e acabei saindo da banca. E gostava muito de fazer isso, apesar de ser muito cansativo. Assim, uma maratona.

MLMC: Quantos filhos você tem?

LCVB: Tenho dois, um tem 22 o outro tem 12. Tem 10 anos de diferença. E então eu acabei ficando em faculdades, várias faculdades particulares e aqueles processos de abertura de faculdade também, e passei por períodos dando aula em várias cidades. Numa determinada época, eu estava acabando o doutorado, eu dava aula em Barretos, no colégio cursinho, e dava aula em São Paulo, numa ONG que fazia um curso de capacitação para professores do Estado e então eu viajava e morava em Ibitinga, aí eu viajava para Barretos, para São Paulo, aí o colégio começou o processo de abertura de uma faculdade, aí o diretor ficava louco atrás de mim. Já aconteceu assim, de eu sair do trabalho meia-noite em São Paulo pegar ônibus para Barretos, para de manhã encontrar MEC lá, assim, uma loucura. Assim, eu parecia um pastel. Foi muito, uma época muito complicada, mas ao mesmo tempo, isso é interessante, principalmente quando a gente é mais nova, dá conta de fazer tudo isso, porque a experiência que a gente vai ganhando. E é uma experiência, é muito interessante, então, na verdade, acho que eu fui agregando coisas, fora congressos, que eu ia, nunca parei de ir, de apresentar trabalho, então foi uma vida bem agitada, assim, bem cansativa.

LCVB: No final de 2005, foi no final de 2005, que eu estava muito cansada, eu quase sofri acidente, viajando para Barretos, e aí eu resolvi parar de trabalhar. Eu resolvi parar, e falei, não, eu vou agora ver o que eu quero fazer da vida, eu não quero mais essa vida de professor que viaja, eu estou muito cansada, e foram dois quase acidentes, que eu sofri, dormindo na estrada, então eu falei: - agora chega, já deu, eu comia no carro, era uma loucura. Eu falei: - não, agora eu vou parar, e parei para pensar na vida, o que eu ia fazer. No final de 2007, não, isso foi no final de 2006, na verdade, aí em 2008 aconteceu a implantação da Fatec aqui em Franca, e eu achei uma oportunidade incrível para eu voltar à docência, e eu fiquei sem trabalhar esse tempo todo. Eu fiquei estudando, eu me aproximei muito da história daqui, porque eu tinha tentado já fazer doutorado aqui na História de Franca, mas não existia doutorado ainda na minha época, e eu tinha feito um ano já, e aí eu comecei a me aproximar

de novo, mas aí não tinha mais o que fazer lá, agora, em 2006. Mas eu acabei ficando indo bastante, participando de congresso, bastante coisa deles, fazendo bastante cursos, assim, porque eu gosto de estudar, então era uma distração para mim. Mas quando a Fatec abriu, eu achei uma oportunidade incrível, porque o que eu queria era dar aula numa universidade pública, e eu tive sempre uma trava, que assim chama marido e filho, que acaba, eu via o pessoal indo lá para o Mato Grosso, prestar concurso, eu nunca pude prestar um concurso longe, assim, porque eu sempre tinha que voltar para casa toda semana, e muita gente dependendo de mim, então era complicado, fazer esse tipo de coisa. Aí eu prestei o concurso da Fatec, fiquei muito contente, mas aí eu fiquei com muito medo, porque, conforme eu fui amadurecendo a ideia, eu fiquei com muita vontade de passar, e nossa, eu fiquei apavorada, e tinha 12 candidatos, depois seis foram deferidos e foram fazer a prova. Nós fomos fazer a prova em Taquaritinga, porque o meu concurso foi o primeiro da Fatec Franca.

LCVB: Então nem existia a Fatec Franca ainda, naquele momento o que existia aqui era uma salinha com o diretor e um telefone. Na verdade, era a sala da telefonista da Unesp, que tinham cedido para ele, era uma sala assim, assim, o dobro do tamanho da mesa, que eu tenho aqui na minha frente, coitado, era bem restrito. Então esses primeiros concursos foram feitos fora, na verdade acho que os três primeiros só, e eu fui fazer o concurso lá em Taquaritinga, que fica daqui de Franca, dá uns 150, 170, 180 quilômetros, mais ou menos. E, eu tinha criança pequena, meu filho não tinha um ano ainda, deixei aqui, eram dois dias de concurso, aí eu fui para lá, e Taquaritinga fica a 40 minutos da cidade onde minha mãe mora, então eu pude fazer, eu pude fazer a prova, quando acabou a tarde, eu fui para a casa dela dormir e preparar a prova didática do outro dia, porque a gente fez o sorteio lá no fim da tarde, e eu pude ir para lá. E, aí eram seis pessoas concorrendo, seis pessoas daqui de Franca. Eu encontrei pessoas que eu conhecia lá, concorrendo comigo, é muito estressante, é uma situação terrível, muito, muito.

MLMC: Eu prestei concurso também, eu prestei concurso para entrar na Paula Souza, e foi muito engraçado, porque assim, eu queria entrar de qualquer jeito para dar aula para educação profissional. Eu prestei concurso, eu me inscrevi em três escolas da Paula Souza, na Carlos de Campos, naquela escola, no Horácio da Silveira, que tem ali na Casa Verde, e lá na Martin Luther King. Só que menina, eu, na Carlos de Campos, eu fui muito, eu me senti muito bem. Eu fui bem, eu tinha estudado, e outra, era a minha área de atuação, Tecnologia dos Alimentos. Era uma coisa que eu estava muito fresca, assim, então, lá na, no Horácio da Silveira, eu fui prestar para Química, e daí tinha um colega lá também, assim, colega que eu digo, não o conhecia, que era um professor de Química, que também vinha da indústria, como

eu, que vinha da indústria. E, é muito interessante, porque, assim, eu vim com aquela ideia de projeto da indústria, porque eu trabalhava em centro de pesquisa, e quando eu dei a minha aula, que é a aula que hoje se dá e que se cobra dos professores, a banca não gostou, sabe? E eu tinha aquela experiência com o Funbec (Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências), com o Funbec da USP, porque da época que eu dava aula, então foi muito engraçado, E, daí, como eu passei em primeiro lugar na Carlos de Campos, eu assumi as aulas lá, e eu passei, eu acho que eu passei em Química, eu passei em Meio Ambiente, não passei em Química, eu só sei que lá na Horácio eu não passei em Química, passou o professor. Ele passou, e depois virou meu colega na Carlos de Campos. E, daí foi muito engraçado, porque um ano depois, a Júlia Falivene, e não sei se você lembra daquela professora de meio ambiente também, que eu sei que as duas, como eu trabalhava com projetos na Carlos de Campos, me convidavam para ir à Cetec apresentar os meus projetos, daí eu encontrava com aquelas professoras que tinham me reprovado, nunca contei essa história para ninguém, estou contando agora aqui para você, depois de 20 anos, mas é muito engraçado isso. É muito, assim, é estranho.

LCVB: É estranho.

MLMC: Eu sou Química também, então, assim, mas a metodologia que eu usei e tal, e que era uma metodologia lá do Funbec que eu usava dando aula no estado de temporária e tal, o pessoal não gostou, que é o que a gente faz hoje, de visão global, holística, é interessante isso.

LCVB: Então, o concurso, assim, nunca é exatamente uma coisa, não é exato, não tem jeito. Eu já até, já fiz, até já fui presidente de banca de concurso depois, no Centro Paula Souza, e é muito complicado a gente dizer exatamente, assim, escolher o professor, mas a gente tenta, fazer algumas tentativas. Lá nesse concurso, o meu currículo não teve grande nota, porque meu currículo era de literatura, e as outras, então, a minha nota, né, minha pontuação nesse aspecto não foi tão alta, e das outras professoras, elas eram da área de comunicação, e aí eu fiquei, eu achei, eu achei que eu não fosse passar mesmo. Mas, depois eu tirei 10 na aula, então eu passei à frente das outras concorrentes, e uma pessoa que estava na banca naquele momento, que eu conheci naquele momento, foi a professora Mara (Mara Regina Mellini), que é de Sertãozinho, depois eu fui fazer uma banca para Mara subir de cargo, dentro do Centro Paula Souza, fui lá para Sertãozinho fazer a banca da Mara. E ela, assim, me animou muito, ficou muito entusiasmada, eu tinha acabado de fazer, nesse período sabático que eu passei, eu gosto muito de sapato, e eu queria saber fazer sapato. Eu fui fazer curso de modelagem

de calçados, de desenho de calçados no Senai, e eu tinha acabado de fazer. Eu estava fazendo o curso nesse momento, tinha acabado de modelagem, estava fazendo de desenho. E na aula, era como uma missão organizacional, eu, assim, coloquei a aula dentro de uma fábrica, como se os alunos, fiz assim, como se os alunos estivessem numa fábrica mesmo, num ambiente de fábrica, num ambiente de produção. E a Mara adorou isso, eu nunca esqueci, que ela ficou muito entusiasmada com a aula, ela achou muito legal. E depois, eu também encontrando...

MLMC: Que ano foi que você fez isso?

LCVB: 2007, 2008.

MLMC: Você vai gerar uma outra mentalidade, Paula Souza, porque eu fiz exatamente isso. Eu fui ensinar Química, as leis básicas da química, a partir de uma usina, e das reações e tal. E você vê? Você contextualizou e achou que tinha menos. Avaliação, mesmo com os alunos, com os nossos professores, eu tento criar uma sistemática que todo mundo participe o tempo todo, não sei se é perceptível isso para vocês, mas eu envolvo sempre todo mundo, porque cada um tem o seu tempo.

LCVB: Exatamente, mas é realmente uma grande mudança, você vê como foi essa contextualização mesmo, que foi assim, valorizaram e me passaram na frente de todo mundo. Foi muito interessante. Eu fiquei tão feliz que eu não sabia nem como eu ia dirigir de volta para Franca, a hora que acabou, porque nossa, eu fiquei muito feliz. E, desde o começo, eu tinha conhecido já o professor Paulo César, que era o diretor daqui eu conheci lá no momento, tinham indeferido minha inscrição, dizendo que eu não tinha tempo suficiente de experiência no ensino superior, que seriam seis anos, para quem tem doutorado. E, no entanto, eu tinha. Então, eu fiz um recurso, levei para ele, daí naquela situação, a inscrição eu tinha feito na Etec, nem existia a Fatec aqui ainda, na época. Aí, na hora da, um pouco antes do concurso, faltavam dois dias, eu levei para o professor Paulo, aí eu o conheci nesse momento, ele era uma pessoa incrível, ele é ainda, ele só não dá aula mais no Centro Paula Souza. Uma pessoa incrível, muito legal, eu me senti em casa lá, eu falei: - agora eu quero mesmo ficar aqui, eu quero trabalhar nesse lugar, nossa, eu fiquei muito, com muita vontade mesmo. E aí, deu certo, fiquei superfeliz a hora que eu saí de lá. E saindo, aí as aulas já começaram, foi tudo assim, a toque de caixa, já teve a, era comunicação organizacional, essa área que eu adoro, adoro, eu tinha alguns anos de experiência na matéria. Mas, eu nunca tinha me dedicado assim, tão de corpo e alma, tão nessa contextualização mesmo, assim, eu sempre faço,

coloco os alunos dentro de fábrica, eu falo que a gente conversa sobre causos, porque aqui em Franca a gente é quase mineiro, então não tem case na aula. E o tempo todo, assim, adoro, adoro. Fiquei muito feliz. E como eu era a única professora, inicialmente, eu dei aula uma semana inteira para os alunos, até chegar o segundo professor, que começou a dividir comigo, que foi o professor Daltro Carvalho, e aí entrou a terceira, que era a professora de moda, a professora Natalie Rodrigues Alves Ferreira Andrade, e aí nós começamos, né? Aí eu comecei a dar menos aula, dividir. Eles tiveram muita sorte de pegar uma pessoa que, no meio de outubro, não estava trabalhando e podia dar muita aula, porque começou em outubro aqui a Fatec.

MLMC: E que curso? Como era o nome do curso tecnológico?

LCVB: O primeiro era “Gestão da Produção Industrial Calçados”. Depois, esse nome Calçados acabou saindo do nome do curso, porque muitos alunos não queriam mais trabalhar em fábrica e eles tinham uma impressão de que eles iam continuar sendo aquilo que a gente chama de chão de fábrica: cortadores, perspontadores, eles não conseguiam ter essa visão de que eles seriam gestores. A gente tinha muita dificuldade de tirar isso da cabeça deles. Até que a professora June Tabah, que ainda foi a primeira coordenadora, na gestão da primeira coordenação, ela pediu para tirar esse nome Calçados.

Então, na verdade, a gente trabalha bastante com calçados, que é uma área importantíssima da cidade, mas não pode mais ter no nome do curso.

MLMC: Você sabe, Liene, que eu montei um curso, acho que em 2006, para formar Técnico em Calçados, que era parceria lá com a Bertin. Só que depois acabou que eles, nós tivemos todo esse trabalho, mas eles decidiram trabalhar com o Senai, e esse curso não foi para frente lá. Processamento de carnes foi, mas esse não. Mas, nesse período, eu fui visitar o Senai aí em Franca e, também fui visitar o nosso centro de memória. E quando eu chego lá na escola, na Etec, eu comecei a conversar com eles. Eu vi aquelas fotos dos alunos que tinham feito curso de calçado no passado e daí eu falei: - vocês têm que ter equipamento aqui, daí nós vamos olhar naquele material que vai embora da escola. Estava cheio de máquina lá, da época dos cursos de calçados. Daí recuperaram algumas coisas que hoje estão no centro de memória. Olha, Franca seria uma cidade que eu moraria e faria pesquisa sem parar, porque é muito rica.

LCVB: Muito, muito mesmo, o centro de memória da Etec é incrível, porque é um lugar muito antigo, tem muito tempo, muita história. E hoje, assim, eu tenho muito carinho pela Etec, até

prestei um concurso lá no ano passado. Eu passei, mas era para pessoal de reserva. E porque, assim, de vontade de dar aula no Ensino Médio, que eu tenho tido de novo. E aí eu acabei prestando o concurso. Aí a banca perguntou, mas o que você veio fazer aqui? Mas eu falei assim: - eu tenho muita vontade de dar aula no ensino médio.

MLMC: E eu também tenho uma vontade enorme que você consiga dar aula lá. Porque, assim, teremos projeto de HAE com você. (risos)

LCVB: É um lugar muito gostoso. Eu gosto muito de lá e nós temos muitos alunos que vêm de lá para a Fatec. Eu até entrevistei, eu fiz o trabalho que eu entreguei agora para a última jornada. Eu entrevistei as meninas todas vieram de lá. As meninas que fazem recursos humanos na Fatec, elas fizeram, estudaram lá primeiro: Secretariado, Administração, Finanças, Gestão Financeira. Então, é um lugar, assim, que eu acho muito acolhedor. E ainda de ouvir as histórias do centro de memória de lá, a gente fica apaixonado pelo lugar. Realmente é uma escola maravilhosa.

LCVB: Então, a Fatec foi crescendo, eu tinha quatro aulas no começo. Eu ganhava 600 reais. Eu nunca esqueci esse valor. Que depois de dois anos dependendo de marido, eu achava demais ganhar 600 reais. Nossa, eu ganho 600 reais. E quatro aulas por semana. Mas aí logo começaram a me encher de horas de atividade, a gente tinha um pessoal muito limitado lá. Eu comecei a cuidar da biblioteca, ficava lá o dia inteirinho. E a gente tinha uma sala só, nós funcionávamos na UNESP ainda, no prédio antigo da UNESP, que tinha sido um colégio de freira. E é bem no centro, eu morava três quarteirões de lá, e eu ia a pé todo dia. Era uma delícia. E nós tínhamos só uma salinha de aula, um laboratório e uma sala: que era secretaria, diretoria, sala dos professores e cozinha. Que tinha uma cozinha que a gente compartilhava lá, mas acabava levando café. Até levei uma cafeteira para lá. Eu sou assim, sabe? Aonde eu vou, eu mudo. Aí já comecei a levar as coisas, levei cafeteira para a gente poder tomar à noite lá na sala dos professores, que não tinha, porque a cozinha coletiva lá ficava fechada. E a gente compartilhava com o resto da UNESP. E com o começo de um Poupatempo que existe, que não é para pessoas, não é para civis, é para prefeituras do governo. Eles já tinham começado a ocupar o prédio. E nós dividíamos tudo lá. E essa sala era uma loucura, porque imagina, colocar todo mundo junto o dia inteiro. Todas as secretarias, diretoria, sala dos professores, biblioteca. Era tudo no mesmo espaço. E era muito gostoso ao mesmo tempo. Com móveis herdados da UNESP, foi bem começo heroico mesmo, foi muito interessante, e foi muito gostoso. E foi crescendo, crescendo, a gente mudou de prédio. Eu preciso conseguir trabalhar com esse prédio. Agora, eu tenho meninos hoje, desde 2018, eu fiz um grupo de

estudos de comunicação organizacional na Fatec. E eu acabei desviando os meus meninos para me ajudar a montar o Centro de Memória da Fatec Franca, que eu preciso montar. Hoje, inclusive, uma das minhas atribuições, foi um dia muito corrido, foi oficialização da iniciação científica de uma das alunas, que apresentou trabalho no semestre passado na jornada. Agora, ela mandou de novo, e agora, ela foi oficializada a iniciação científica dela. Com o propósito de planejar a montagem do centro de memória virtual da Fatec Franca. Então, assim, isso é muita alegria para mim. Eu falo os meus meninos, até o diretor um dia riu, porque ele falou assim: onde eu o vejo a Liene, está com os meninos atrás. Sim. São três hoje. E eles andam atrás de mim pela faculdade. A gente faz encontros. Isso mesmo sem... Assim, eu não tenho projeto disso. Eu fiz alguns, fiz uma revista para a Fatec. Mas, eu não tenho uma atividade. Eu tenho duas horas de atividade só. E eu até acabei de pedir para a coordenadora, para colocar para a orientação de TG. Porque eu tenho seis orientandos. Oito, na verdade. E aí, é muita coisa. Então, toda essa parte da iniciação científica. Isso é extra, é um trabalho extra. Porque a Fatec acabou crescendo bastante. Nós temos três cursos, aí, eu tenho aula demais. Eu não tenho mais horário.

MLMC: Quantos alunos tem a Fatec atualmente, de Franca?

LCVB: Olha, eu acho que há dois semestres, que foi a última vez que eu tinha pedido o levantamento para a secretaria: - eram oitocentos.

MLMC: É bastante.

LCVB: Bastante gente. Então, não. Eu acho que já passaram oitocentos. Nossa, minha cabeça está muito ruim. Mas, eu lembro desse número oitocentos. Mas, agora tem três cursos em três horários. Eu acho que é isso mesmo, Maria Lucia. Porque, são três cursos, em dois horários, na verdade. E é bastante aluno. É bem agitado. Era antes da pandemia. É bem agitado a faculdade. E, eu acabo assim. A faculdade acaba sendo minha outra casa também. Eu dedico muito tempo à Fatec. Aí, eu faço projeto, eu brigo por causa de coleta seletiva de lixo. Aí, eu vou para a sala para os alunos, e vou pedir lixo para separar para a secretaria. Vou dar palestra ingressante. Eu faço viagens a São Paulo, nas quais nós vamos a museus, uma por semestre, eu faço. A do primeiro semestre, não deu tempo. Nós íamos ver o museu, aquela exposição sobre o Egito, lá no Centro Cultural Banco do Brasil.

MLMC: Então, eu vi no Rio.

LCVB: É, eu também vi no Rio. Quando eu vi no Rio, em janeiro, eu falei: - nossa, eu tenho que levar os meninos. Aí, quando eu vi que ia para São Paulo. Mas, foi bem quando começou, acho que teve uma semana de exposição, e já começou o isolamento. Agora, nós vamos a São Paulo na primeira semana de dezembro. Não sei como as coisas vão estar ainda. Mas, eu preciso levar. Eu já tenho um ônibus de 46 pessoas fechado. Agora, não tem jeito. Então, eu acabo fazendo bastante coisa na faculdade também, eu coordeno o trabalho de graduação do GPI, da gestão da produção industrial. E é bastante envolvimento, a gente acaba tendo, assim. É uma outra casa.

MLMC: Mas, você mora em Franca agora? Você mora em Franca?

LCVB: Eu moro em Franca. Eu vim para Franca, em... 99. No comecinho de 99. Aí, eu... eu me separei. E mudei daqui uns... 2, 3 anos. E me casei de novo, e voltei para cá. Então, na verdade, Franca hoje é o lugar onde eu mais morei na minha vida. Já bateu a Araraquara. Eu já... Eu fiquei aqui já bastante tempo. Eu já sou bem francana, já falo aí o tempo inteiro. E falo cantado. Então, é isso. A gente acaba tendo um envolvimento muito intenso, a Fatec acaba sendo a outra vida. E hoje, eu sou muito professora. Muito, inclusive, eu estou com alguns problemas de saúde, aqui tentando marcar médico na quinta-feira, que é a única manhã em que eu não dou aula. E... Marcar exames? Aí, as pessoas estavam me falando: - mas, você está doente? Por que você não deixa de dar aula? Eu falei: - gente, mas eu tenho tanta coisa para fazer com os meninos. Eu não consigo, se eu deixar uma semana, vai ser o caos. Então, é uma... Um pensamento que a gente acaba tendo, de imprescindibilidade. Mas, é... na verdade, é uma... a gente acaba virando professor. A gente não é mais outras coisas. A gente acaba sendo professor o tempo todo.

MLMC: Eu fico pensando nisso também. Você vê, eu já tenho 20 anos de Paula Souza. Daqui há cinco anos, eu estaria me aposentando na segunda profissão, que é essa de professor. E daí... de Paula Souza, mas eu tenho aulas que eu dava, se for juntar, eu dei uns cinco anos de aulas antes, sabe, assim, de substituição. Então, eu já tenho uns 25 anos de professor, e daí, eu fico pensando: - mas, eu acho que eu não consigo viver sem isso, sabe? Assim... Como é importante esse trabalho que a gente faz e... Por que ele vai ficar para outras pessoas? Da mesma forma que a gente se apropria do centro de memória, da história dos outros, para entender o nosso fazer, outros irão se apropriar do nosso trabalho no futuro. Então, eu acho que é isso que você... A gente está sempre querendo fazer, querendo fazer, querendo fazer. É. Com muita coisa.

LCVB: a gente se afoga, de tanto querer fazer. Mas, é... É isso que a gente acaba virando mesmo, virando professor o tempo todo. E, muitas vezes, até quando eu ligo para um Serviço de Atendimento ao Cliente e essas coisas, eu ligo e eu falo: - olha, eu sou professora de comunicação empresarial. Você não está agindo corretamente em relação a isso, aquilo, aquilo, outro. E eu conto para os alunos, eles morrem de dar risada. Eles falam: - você é muito cara de pau. Eu falo: - não é questão de ser cara de pau, é que eu sou professora de comunicação empresarial o tempo inteiro. Eu não sou outra coisa. Esses dias, o meu filho mais velho falou: - mãe, por que você não presta concurso numa grande universidade? Você não vai dar aula de literatura? Eu falei: - nossa, filho, eu não sou mais professora de literatura. Sou professora de comunicação empresarial. E aí ele falou assim: - não dá para acreditar numa coisa dessa. Eu falei: - não, eu já mudei completamente. E eu tenho um amor muito grande pelo ensino profissional. Até essa semana lendo um livro que tem lá na... no site do Centro de Memória do Centro Paula Souza, que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) pediu para a gente ler. Eu fiquei maluca pelo livro. Daí eu falei: - não, espera, meu tempo é bem curto agora, eu preciso fazer uma coisa objetiva que a Júlia pediu, mas eu preciso voltar ao livro, porque você lê assim a cada linha. É a história do Brasil, é a história, é o pensamento daquele momento, é a política brasileira, é a sociedade brasileira. Está tudo lá.

MLMC: Eu vou te contar a história desse livro. Esse livro do Horácio da Silveira, de 1937, que ele fala de alguns problemas da educação profissional, é da minha coleção pessoal. Acontece que, em 2016, eu achei, porque eu fico procurando coisas da educação profissional na Estante Virtual, foi assim que eu encontrei várias obras que eu comprei em sebo. E esse daí, quando eu comprei, que eu li, que ele contava a origem do curso técnico da Getúlio Vargas e as parcerias que ele propunha, que foi feito com os sindicatos, e foi criado um anexo ao Instituto Profissional Masculino que existia. Portanto, é uma história muito semelhante ao curso de alimentação que o Pompêo criou, porque também era anexo ao Instituto Profissional Feminino. Eu falei, esse livro eu vou escanear e eu vou deixar para todos os professores terem acesso. Nem a Júlia sabia que esse livro é da minha coleção. (risos) Mas foi uma grande, foi muito interessante. Outra coisa importante nesse artigo é que ele coloca a importância do material didático, de uniformizar para as escolas. Porque até então os alunos produziam tanto os tornos como os paquímetros, os materiais de medição que você tem lá na escola, no Centro de Memória de Limeira. Então assim, eu achei valiosíssimo. E agora você vê que a Júlia está estudando. Os projetos da Júlia desse ano são todos sobre cultura material e sobre os objetos escolares. E ela descobriu no site de memória, o que me dá uma grande alegria, porque isso mostra o quanto o nosso site tem sido utilizado. Nessa época de pandemia, cresceu bastante o acesso a ele. Eu fiquei muito feliz por isso.

LCVB: Então, eu acho que essa questão, eu não sabia que era Horácio da Silveira. Não tem lá no livro essa informação. Eu procurei bastante. Eu achei que fosse publicação da secretaria mesmo, a superintendência que eles chamam.

MLMC: É porque é institucional. Isso, ele era o superintendente na época. A superintendência foi criada entre 1934 e 1938. Nesse período, ele era diretor da Carlos de Campos. Só que em 1938 saiu a nomeação dele. É aquela história, você está no cargo, trabalha, daí foi oficializado em 1938. Nesse período de gestão, ele produziu várias obras que nós temos no Centro de Memória da Carlos de Campos. Esse a gente não tinha, mas ele está relacionado, eu acho que no livro do Arnaldo Laurindo. Quando eu encontrei esse livro, eu falei ele conta exatamente isso que você falou. As parcerias com as empresas para criar uma profissão que precisava existir, porque até então eram cursos secundários profissionalizantes, ensino profissionalizante. E era curso de aperfeiçoamento para a formação de professores para o ensino profissional. O primeiro curso técnico foi criado na Getúlio Vargas. E esse documento fala sobre essa gestão para a criação desse curso. É por isso que a gente tem que escrever tudo que nós fazemos e deixar esse registro.

LCVB: E outra coisa que eu pensei essa semana a respeito desse livro, agora o governo está implantando mudanças no ensino médio aqui no Brasil com a finalidade de profissionalizar os alunos mais cedo. Essa questão da memória, Maria Lucia, você falou tem tido mais acesso. Cada vez mais eu acho que ela tem uma importância muito grande, porque é isso o que pode balizar o futuro, balizar como as transformações vão ser feitas, como vai ser o nosso futuro. Porque, no momento, em que vão ser feitas essas mudanças, é fundamental a gente saber, conhecer esse passado, como isso começou. E muito importante também, eu acho que isso é uma questão importantíssima para a memória, essa relação daquilo com o tempo, com o tempo, com aquele momento. Tem umas afirmações lá que para a gente são escabrosas, mas a gente relacionando, você vê direitinho, você vê a questão positivista, o paternalismo do Estado, questões que a gente não pode, a gente tem que tomar, com essa distância de agora, a gente tem que perceber como é importante que a gente veja e não repita algumas coisas. As pessoas têm que ter essa noção, essa importância.

MLMC: Eu acho que nós vamos trabalhar de forma híbrida, nós estamos aprendendo isso a duras penas rapidamente nesse período de pandemia. Então, ter acesso à informação, deixar disponível para as pessoas é fundamental, porque se nós também não criarmos esses mecanismos agora, nós vamos perder o bonde da história. Então, isso me preocupa muito, os espaços, a disponibilização desse material, as imagens. Eu acho que vamos nos preparar

para isso, tanto que aí o Governo do Estado, agora, inclusive, lançou esse decreto São Paulo sem papel. São Paulo sem papel, mas precisa ter espaços para garantir a preservação da memória, tanto recente, que são os documentos, como esse resgate que nós fazemos de documentação do passado.

LCVB: Exatamente, muito importante. Eu acho que o trabalho do grupo cada vez vai ficando mais importante. Eu, pessoalmente, eu falei no começo que eu nunca tinha tido contato com o ensino profissional na minha vida. Eu fiz colégio Anglo para prestar vestibular, aquele colégio de apostila. Eu não sabia o que era educação profissional até eu entrar na Fatec. Não tinha noção do que fosse isso. E mesmo dentro da Fatec, foi no grupo que eu comecei a entender o significado e cada vez mais entender o significado para toda a sociedade, não só para quem faz os cursos, para entender o que significa educação profissional. E é muito, muito, muito interessante, importante, é um tema fundamental.

MLMC: E a gente aprendeu a importância da educação e o trabalho. Porque trabalho existe o tempo todo, desde que a gente levanta e até a hora que a gente vai dormir. Até o trabalho intelectual é o trabalho. Então, e essa distância que, às vezes, o brasileiro ainda tem aquele ranço de que falou em trabalho. E daí vem educação profissional com olhar diferenciado. Então, eu acho que nós que somos da educação profissional e tecnológica, a gente tem que mostrar o valor para a sociedade desse trabalho, desse ensino que nós vivenciamos, desse processo de ensino-aprendizagem.

LCVB: Exatamente, exatamente.

MLMC: Liene, eu gostei muito de falar com você. Nós estamos falando aqui já há mais de 50 minutos. Eu vou transcrever essa entrevista, depois te mandar, com os termos de autorização, para que a gente possa difundir no nosso site de memórias, em percurso histórico, no programa de História Oral na Educação. E só tenho a agradecer mesmo, foi ótimo falar com você, porque no dia a dia a gente não tem tempo de falar sobre o nosso trabalho, sobre a nossa formação. E hoje, essa tua história, essa tua trajetória, faz parte inclusive do início da história da Fatec de Franca. Então foi muito bom esse registro para nós.

LCVB: Bom, eu tenho, eu te agradeço novamente pela oportunidade de falar, de me expressar, mas também pela oportunidade de fazer parte do grupo, que é, eu acho que é uma coisa muito importante do Centro Paula Souza. E são os momentos em que a gente pode trocar essas experiências também e muito interessantes. E é engraçado que quando eu

cheguei lá no começo, eu falava, e a Etec não tem nada a ver comigo, nem sei o que são meninos. E hoje não, hoje eu me sinto assim, eu sinto o Centro Paula Souza como uma coisa só. E a importância de a gente preservar a memória e muito, muito gostoso, é muito gratificante fazer parte do grupo.

MLMC: Obrigada.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino
Etec Dr. Júlio Cardoso
Superintendência do Ensino Profissional
Acervo Escolar
Liene Cunha Viana Bittar
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Júlia Naomi Kanazawa
Horácio Augusto da Silveira
Unidade de Ensino Médio e Técnico
GEPEMHEP

Dados Biográficos da Entrevistada



Liene Cunha Viana Bittar - Possui doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Professora da FATEC Franca, tem experiência na área de Letras (Literatura) e Comunicação Social, com ênfase em Comunicação Empresarial. Atua principalmente nos seguintes temas: comunicação empresarial, comunicação e expressão, literatura portuguesa, literatura e história, estudos culturais, análise literária, educação a distância e metodologia da pesquisa. CV: <http://lattes.cnpq.br/8934758581056223> Acesso em: 14 mar. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem

experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Liene Cunha Viana Bittar

Termo de uso de Imagem de Liene Cunha Viana Bittar

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Liene Cunha Viana Bittar